

MAPEANDO VIVÊNCIAS DE UMA INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA COM RECURSO À EDUCAÇÃO ENTRE PARES: OS MULTIPLICADORES POR SEUS PARES E OS MULTIPLICADORES PELOS MULTIPLICADORES

Mapping impressions of a social and educational intervention using peer education: the multipliers in the eyes of their peers, and in their own eyes

Mércia Cristine Magalhães Pinheiro Costa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, Brasil

mercia.costa@ifb.edu.br

Lia Pappámikail

Observatório Permanente da Juventude do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, Portugal

lia.pappamikail@gmail.com

RESUMO

A adolescência é um período da vida em que o indivíduo se distancia simbolicamente da família, vinculando-se àqueles com os quais se identificam, estabelecendo laços de lealdade com seus pares. Isto porque nessa etapa da vida os adolescentes se deparam com vários desafios, tais como: mudanças físicas e biológicas, exigências de autonomia e independência, novas amizades e a preparação para uma profissão. Sendo assim, acredita-se que os adolescentes procuram a ajuda, a interação e o afeto mútuos com os seus pares. Considerando a relevância que os pares exercem na vida do adolescente, acredita-se que a aprendizagem por pares facilita a comunicação e compartilhamento de experiências. Mediante o exposto, o presente artigo explora as impressões dos estudantes/alvo do primeiro ano do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio e pelos estudantes/multiplicadores do terceiro ano do mesmo curso, a respeito da experiência de dialogar e compartilhar saberes e vivências com os pares, no tocante a sexualidade e a afetos, usando como referência a metodologia da Educação entre Pares, proposta do Ministério da Saúde e Ministério da Educação. A trajetória metodológica escolhida foi a pesquisa-ação de cunho qualitativo, no qual os dados foram coletados por meio de entrevistas e observação das oficinas realizadas pelos multiplicadores.

Palavras-chave: Adolescência, Educação entre Pares, Sexualidade

ABSTRACT

Adolescence is a period of life in which the individual distances himself symbolically from the family, linking with those with whom they identify, establishing bonds of loyalty with their peers. This is because at this stage of life adolescents are faced with various challenges, such as: physical and biological changes, demands for autonomy and independence, new friendships and preparation for a profession. Thus, adolescents are believed to seek mutual help, interaction, and affection with their

peers. Considering the relevance that peers exert in the adolescent's life, it is believed that peer learning facilitates communication and sharing of experiences. The present article explores the impressions of the first year students of the Technical Course on Integrated Food to High School and the students / multipliers of the third year of the same course, regarding the experience of dialoguing and sharing knowledge and experiences with the pairs, regarding sexuality and affections, using as a reference the methodology of Peer Education, proposed by the Ministry of Health and the Ministry of Education. The methodological trajectory chosen was the action–research, with a qualitative approach. The data were collected through interviews and observation of the workshops carried out by the multipliers.

Keywords: Adolescence, Peer education, sexuality

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período intermediário do desenvolvimento humano no qual afluem descobertas e transformações aparentes no corpo e no comportamento do indivíduo. No entanto, durante esta etapa específica da vida subsiste uma tendência do adolescente distanciar-se da família e vincular-se àqueles com os quais se identifica, nessa reciprocidade, laços de lealdade e intimidade são estabelecidos com seus pares (Pappámikail, 2012).

Nesse período, em particular, espera-se que os jovens dêem início à busca por autonomia e independência emocional dos pais, ao mesmo tempo em que as relações com seus pares vão se aprimorando (Caissy, 1994, Zimmer-Gembeck, 2002, comentado por Dias, Matos & Gonçalves, 2007).

Há que ressaltar o desenvolvimento sadio e satisfatório de um jovem depende das “condições sociais e culturais com as quais ele convive” (Lopes de Oliveira, 2014, p. 37). Sendo assim, depreende-se que os grupos são fundamentais no processo de socialização e preparação do indivíduo para as tomadas de decisões e relações futuras.

Entretanto, esse mesmo jovem está sujeito a incorporar comportamentos perigosos, principalmente no que diz respeito a comportamentos sexuais de risco. Na história da humanidade, a sexualidade e os sentimentos que ela desperta sempre foram alvo de curiosidades, repressões, distorções, mitos e tabus, manifestada de maneira particular em cada época. Ribeiro (1999), em seu trabalho, cita os estudos de Foucault, o qual afirma que durante séculos, nas sociedades cristãs, o sexo era algo que era preciso vigiar, denunciar e transformar. Podia-se falar sobre sexo, mas somente para censurar.

O despertar da sexualidade por parte do adolescente se dá ainda nos contextos familiares, mesmo antes dos indivíduos adentrarem os espaços escolares. Contudo, a escola assume um papel importante neste contexto, na medida em que é neste espaço onde os adolescentes passam parte importante da vida e, em grande medida, é o local que se propõe formar os indivíduos para uma vida social plena (Moizés & Bueno, 2010).

Na escola, por exemplo, o jovem poderá discutir e ser informado sobre os diferentes “tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade”. Sendo assim, os profissionais de uma escola têm um papel transformador, ou seja, incentivar e criar condições para que questões como estas sejam discutidas e o conhecimento coletivo ampliado, permitindo assim desenvolver uma reflexão comum.

É nesta perspectiva que a Educação entre Pares surge como uma estratégia socioeducativa pertinente, pelo seu potencial participativo, uma vez que a conversa sobre assuntos diversos e aprazíveis já é prática corrente entre os jovens, e, com recurso à metodologia, todos os/as participantes sabem algo que pode complementar o saber do(a) outro(a), sem os enviezamentos causados por hierarquizações estatutárias implícitas na díade adulto-jovem.

A Pathfinder International (1997, como citado em Rosa, 2010, pp 11-12), elege algumas vantagens da Educação entre Pares:

- “1) baseia-se em evidências de que os jovens já possuem informações privilegiadas dos seus pares;
- 2) os adolescentes tendem a se relacionar melhor com seus pares, semelhantes em idade, formação, interesses, cultura e linguagem;
- 3) em comparação com outras estratégias, o programa entre pares é relativamente barato;
- 4) o território de abrangência muitas vezes ultrapassa a população-alvo e vai além, chegando à família e a comunidade dos participantes do projeto;
- 5) em longo prazo, os educadores entre pares ganham benefícios em suas experiências pessoais. Estas incluem um compromisso contínuo de reprodução responsável, comportamentos de saúde, liderança, formação profissional e experiência de vida”.

Essas vantagens e benefícios são destacados ainda pelo Ministério da Saúde: “adolescentes e jovens conversam de “igual pra igual” com seus pares sobre diferentes assuntos, incluindo sexualidade, saúde sexual e saúde reprodutiva, HIV e AIDS; (...) é que eles e elas têm como base a própria comunidade em que vivem” (Ministério da Saúde, 2011, p. 19).

Além disso, as prerrogativas da Educação entre Pares são baseadas na hipótese de que os indivíduos tendem a seguir o comportamento de seus pares, ou seja,

as pessoas não mudam o comportamento em decorrência do conhecimento científico, mas sim por causa do envolvimento subjetivo de confiança entre os pares que atuam como modelos persuasivos para a mudança. (UNAIDS, 1999, citado por Rosa, 2010, p. 11).

Rabêllo (2004) reflete ainda sobre a importância do ato de tornar os jovens e adolescentes protagonistas de suas vidas hoje em dia. Tendo em vista as juventudes “plurais”, a autora ressalta que a escola, a família e a sociedade têm se mostrados despreparados a auxiliarem os jovens encontrarem respostas as questões que envolvem os seus anseios, desejos, sonhos e entre outras indagações, própria dessa fase de transição.

Nesse sentido, o empoderamento permite tornar o adolescente responsável e compromissado com o outro, o que vai ao encontro dos princípios basilares da Educação Social enquanto práxis socioeducativa. As relações oriundas desse processo são fundamentadas em princípios democráticos, de não submissão a um líder, mas de respeito pelas diferenças.

É sábio salientar ainda que a Educação entre Pares não se trata apenas de adquirir maior facilidade de comunicação, mas, sim, de uma maior troca de experiências entre os pares, mediada por um processo socioeducativo que visa capacitar com conhecimentos válidos alguns jovens que atuarão no papel de multiplicador. Essa estratégia, segundo Paiva (2002), visa romper com as abordagens tradicionais, principalmente no que se refere a prevenção tradicional em IST/AIDS e outras vulnerabilidades juvenis.

Referir que, no âmbito escolar, o trabalho do Educador Social pode promover esta forma de intervenção, contribuindo na formação de valores e atitudes por parte dos adolescentes, a partir de conhecimento atualizado, bem como examinar com os jovens os valores sociais, permitindo que o jovem preencha as lacunas nas informações que já possui, crie suas próprias opiniões e seja coerente com valores que ele próprio elegeu.

Assim, no que tange a metodologia da Educação entre Pares, Santos (2010) ressalta que, devido sua formação, a intervenção de profissionais como o educador social é a mais apropriada para identificar e desenvolver as potencialidades dos sujeitos, no sentido de empoderá-los para que sejam capazes de atuar de forma cidadã, partido das suas próprias perspectivas, conhecimentos e habilidades, sem privilegiar uma abordagem formal ao processo de transmissão de conhecimentos.

Com base em dados recolhidos no âmbito de uma pesquisa-ação conducente á obtenção do grau de mestre, procura-se neste artigo dar a conhecer as percepções dos estudantes multiplicadores e

estudantes alvo quanto às possibilidades e limitações socioeducativas da Educação entre Pares na orientação sexual, identificando *as limitações e possibilidades da educação entre pares na orientação sexual dos adolescentes*. De modo a dar resposta ao objetivo estabelecido, começa-se por esclarecer os procedimentos metodológicos adotados ao longo do projeto em cujos dados este artigo se apoia, para, posteriormente, se apresentarem os principais resultados, discutidos à luz dos contributos teóricos que orientaram a investigação. Termina-se este artigo com um conjunto de breves reflexões finais.

2 METODOLOGIA

Para ir ao encontro da questão orientadora e tratando-se de uma pesquisa que precisou intervir na realidade estudada, o método mais adequado revelou-se a pesquisa-ação, com abordagem mista. Conforme aponta Engel (2000), pesquisa-ação é uma espécie de pesquisa “participante, engajada, independente e objetiva”, que vincula a pesquisa à ação, ou seja, desenvolve o conhecimento e a compreensão como partes da prática (p. 182).

Como técnica de recolha de dados, utilizou-se inicialmente um inquérito por questionário para diagnosticar os conhecimentos prévios dos participantes acerca dos temas da sexualidade e afetos de forma a direcionar as oficinas, entrevistas semiestruturada (aos multiplicadores) e observação durante as oficinas (com todos os participantes). No final, procedeu-se também a uma avaliação final, de caráter informal, onde se recolheram impressões acerca da participação no projeto e da atuação dos multiplicadores.

Após a coleta de dados, por meio dos instrumentos de recolha citados acima, seguimos para análise dos dados que, após realização de leitura exaustiva e cumprindo com as etapas sugeridas por Bardin (2010, p. 280), recortamos, para este artigo, a seguinte dimensão: “Partilha de saberes com os pares: Revela as contribuições da Educação entre Pares no discurso e participação dos multiplicadores e estudantes-alvo”.

A pesquisa aconteceu no âmbito do Instituto Federal de Brasília, *Campus Gama*, e o público alvo foi os estudantes pertencentes aos 1º e 3º anos do curso Técnico em Alimentos Integrado ao Ensino Médio. Desses alunos, quatro alunos atuaram como multiplicadores do projeto (alunos do 3º ano).

Antes de atuarem como multiplicadores, os estudantes voluntários passaram por uma formação para que pudessem exercer a função de multiplicador, conforme preconizado no manual “De jovem para jovem: Educação entre Pares”, da Unicef. Esta fase é, aliás, um elemento crítico de toda a metodologia, pois é o momento em que se constroem um corpo de saberes cientificamente validados, a serem posteriormente partilhados com os pares.

Findo este processo, o projeto dinamizou quatro oficinas que versaram sobre os seguintes temas: sexo, sexualidade e afeto, saúde sexual e saúde reprodutiva, métodos contraceptivos, género, comportamento sexual, orientação sexual, identidade sexual, diversidade sexual e cultural, mostrando como todas estas questões se relacionam na sociedade atual.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Pretendemos, a partir deste ponto, examinar a percepção dos estudantes-alvo sobre o trabalho/atuação dos pares como agentes multiplicadores e sobre as oficinas, bem como as impressões dos multiplicadores sobre a experiência de dialogar e compartilhar saberes e vivências com os pares. Sendo assim, procurou-se estabelecer uma relação entre a participação e as falas dos participantes em torno de eixos temáticos emergentes da análise de conteúdo.

No entanto, com o objetivo de compreender o processo de orientação sexual de adolescentes através da Educação entre Pares, faz-se conhecer os multiplicadores, uma vez que as características individuais destes atores e deles enquanto grupo tiveram influência sobre o processo de implementação do projeto e nas interações com o público-alvo do projeto.

Discorreremos acerca das concepções, conceitos e preconceitos dos estudantes multiplicadores sobre temas afeitos à sexualidade. Conhecer o que esses indivíduos pensam acerca do tema

configura-se tarefa importante, na medida em que o trabalho de multiplicador de temas complexos como este, carece de sensibilidade, conhecimento e certo grau de desapego a visões de mundo construídas ao longo da vida dos educadores de pares.

Além disso, também é importante ter em mente que os estudantes multiplicadores realizam uma atividade complexa a partir da qual influenciam e formam outros jovens na mesma medida em que sofrem as influências deste processo formativo e das relações de troca com os colegas de escola.

3.1 Conhecendo os multiplicadores: perfil, conceitos e pré-conceitos

Os adolescentes multiplicadores tinham, à época da atividade, entre 16 e 17 anos de idade, sendo um do sexo masculino e três do sexo feminino, e eram residentes da Região Administrativa da cidade do Gama, no Distrito Federal.

Quanto à composição familiar, os quatro multiplicadores convivem com famílias compostas por pai, mãe e filhos. Inseridos nestes contextos familiares os multiplicadores envolvidos no projeto desenvolveram-se psicologicamente e culturalmente sob a égide dos ensinamentos ali vivenciados, principalmente no que diz respeito à adoção de crenças e religiões. Todos os agentes da multiplicação denominam-se cristãos evangélicos e referem que seus pais e irmãos professam a mesma crença religiosa, conforme se observa no seguinte depoimento:

“dentro de nossa religião que é evangélica eles (pais) sempre ensinaram o que a gente deveria seguir, tanto para os meus irmãos, quanto para mim. Minha mãe como é menina, teve uma conversa maior do que o meu pai comigo.” M1

Na fala acima apresentada, percebe-se a influência dos contextos religiosos na formação da adolescente. Segundo Coutinho e Miranda-Ribeiro (2014), no que se refere ao início da vida sexual, embora as religiões católica e protestante sejam contrárias ao sexo pré-marital, há indícios de que o segundo seja mais influente no comportamento dos jovens fiéis, justamente por enfatizar na sua doutrina palavras fortes como castidade, virgindade e pecado.

Traços deste comportamento, aparentemente uniforme, se olharmos exclusivamente seus discursos, entre adolescentes autodeclarados religiosos, podem ser percebidos na fala do multiplicador M3, quando questionado acerca da idade correta para iniciar a vida sexual:

“Uma atividade sexual, o sexo em si, eu acredito que não tenha exatamente uma idade certa, mas para mim, assim, nos meus princípios, o que eu queria para mim é que seja depois do casamento.” M3

Discursos como os apresentados pelo multiplicador M3 e os demais multiplicadores religiosos transparecem a ideia de que as doutrinas religiosas menos flexíveis criam a expectativa de que pessoas seguidoras dessas religiões terão posturas igualmente restritivas com relação ao sexo antes do casamento, da mesma forma que os não religiosos ou sem religião serão mais liberais (Coutinho & Miranda-Ribeiro, 2014). Por conseguinte, “é também de se esperar que o grau de conservadorismo seja diretamente proporcional à intensidade da religiosidade, não apenas da denominação religiosa” (Coutinho & Miranda-Ribeiro, 2014, p. 335).

No mesmo sentido, estudo realizado por Verona e Dias Junior (2012) aponta que é menor o número de casos de gestação entre adolescentes frequentadores de cultos religiosos. Para estes pesquisadores, as religiões têm se configurado, nas últimas décadas, como importantes influenciadoras do comportamento adolescente. Para além deste facto, o avanço dos cultos pentecostais e neopentecostais no Brasil estabeleceu para esta população uma alteração de valores e normas, tornando-os, em certa medida, mais conservadoras em relação ao comportamento sexual e reprodutivo.

A pesquisa citada apontou uma forte associação entre uma alta frequência aos cultos ou missas e adesão ao pentecostalismo e uma diminuição no risco de gravidez na adolescência ou antes do casamento (Verona & Dias Junior, 2012).

Entre os estudantes multiplicadores envolvidos no processo de EP, obteve-se que 75% deles ainda não haviam tido a primeira experiência sexual. Este número aproxima-se daqueles apontados pela

Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar- PeNSE, realizada em 2015 com estudantes de todo o Brasil. Nesta pesquisa, apontou-se que 27,5% dos adolescentes entre 13 e 17 anos já haviam iniciado suas vidas sexuais, ao passo que 72,5% ainda não haviam iniciado.

Como justificativa para ainda não terem iniciado relacionamentos sexuais, os multiplicadores apontam as seguintes afirmações:

“(...) Não estou pronta... Sou muito nova ainda. Como falei, tem que estar preparado psicologicamente e prefiro esperar o casamento.” M1

“Com dezessete anos eu não acho que estou preparada para a vida sexual, porque nem me formei ainda. Não sei o que vai ser... Ainda nem terminei meu ensino médio (...).” M3

Estudos indicam que quanto menor a idade da iniciação sexual, maiores serão as chances de ocorrer prejuízos à saúde durante a adolescência e a vida adulta. Isso ocorre pois, em muitos casos, o adolescente ainda não tem conhecimentos suficientes sobre o próprio corpo, bem como tem dificuldade de acesso a meios de prevenção de IST e gravidez. Em função disso, acaba por não preveni-las de maneira sistemática, sendo essa abordagem dependente do parceiro sexual (Gonçalves *et al.*, 2015).

Embora haja diferenças no que se refere à região brasileira pesquisada, a PeNSE revelou ainda que aproximadamente 27,5% dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental (equivalente ao 3º Ciclo do Ensino Básico em Portugal) já haviam tido a primeira relação sexual quando à época da pesquisa. Iniciar a atividade sexual nesta etapa do desenvolvimento é compreendida como uma introdução precoce, facto que tem apresentado aumento significativo em países da América Latina. O que chama a atenção na PeNSE é o facto de que, “dos estudantes que declararam já ter tido relação sexual alguma vez na vida, responderam ter usado de preservativo na primeira vez que tiveram relação sexual, 61,2%. Entre os escolares do sexo masculino esse percentual foi de 56,8% e entre os do sexo feminino, 68,7%” (PeNSE, 2015, p. 65).

Nenhum dos estudantes multiplicadores tinha pesquisado sobre sexualidade, sexo ou saúde reprodutiva antes de participar do projeto, se olharmos as falas desenvolvidas durante a entrevista:

“Não (pesquisei). Eu não tinha essa curiosidade antes de participar do projeto.” M1

“Acho que nunca pesquisei tanto sobre isso antes do projeto. Só via alguns vídeos das pessoas falando, mas nunca pesquisei a fundo sobre o que era.” M2

“Não! Exatamente pesquisar sobre sexo e sexualidade, não.” M3

“Bom... antes de eu entrar (no projeto) eu não pesquisava, mas eu sabia só o que os professores disseram. Só por cima mesmo.” M4

Apreende-se destes testemunhos que não era habitual aos adolescentes do grupo de multiplicadores a busca de informações sobre o tema em questão. Em pesquisa realizada por Vonk, Bonan e Silva (2013) averiguou-se que metade dos estudantes adolescentes entrevistados afirmou pesquisar sobre sexualidade, sexo e saúde reprodutiva. Além disto, a mesma pesquisa aponta que as principais fontes destes sujeitos para aquisição de conhecimento sobre o tema são seus familiares, principalmente pai e mãe.

Em oposição a este facto, registou-se ainda que, embora conversassem abertamente sobre sexualidade e temas afins com seus pais, estes estudantes se apoiavam em amigos e parceiros sexuais no momento da opção pelo método contraceptivo, posicionamento este semelhante ao dos estudantes multiplicadores analisados como pode ser percebido a seguir:

“Conversamos muito sobre sexualidade entre amigos. Nos intervalos, no corredor, nas escadas... A gente sempre conversava. Normalmente a gente não conta para os pais o que a gente conta para os amigos. Converso sempre com os amigos sobre sexualidades. Às vezes sério, às vezes nem tanto.” M2

“Sim. Muitas vezes... Porque quando é adulto, muitas vezes eles costumam não dar bola. Quando é um amigo, uma pessoa mais próxima, já começa a falar com uma linguagem mais próxima, daí a pessoa escuta.” M3

Um tema que gera bastante debate entre os diversos grupos sociais e que foi levantado nos momentos de formação dos multiplicadores da EP diz respeito à homossexualidade. Quando indagados acerca de sua visão pessoal e da visão de sua religião acerca do tema, os estudantes multiplicadores apresentaram as seguintes representações e opiniões:

“A minha religião é escrita e o livro é muito antigo. Então esta questão da sexualidade é do desconhecimento, então eles abominam esta questão de achar que eu não deva ter uma orientação sexual pelo mesmo sexo, a homossexualidade. Na época da escrita da bíblia não havia conhecimento e esse ensinamento dura até hoje.” M1

“Homossexual: acho que Deus ama qualquer um independente do seu sexo. M2

“Homossexualidade, homem com homem, mulher com mulher isso é pecado.” M3

“Porque Deus não fez uma mulher para ficar com mulher, nem homem para ficar... Se fosse assim, todos tinham nascido com o mesmo sexo. M2

“E assim, por que é na bíblia, né? Deus fez a mulher para o homem para que tenha reprodução. M4.

Analisando os excertos expostos, encontra-se uma relação estreita entre os valores e conhecimentos incorporados na vivência religiosa e uma maior ou menor tolerância à homossexualidade. Machado, Piccolo, Zucco e Neto (2011), em pesquisa realizada com o objetivo de apreender a relação entre religião e diversidade sexual a partir do ponto de vista das lideranças religiosas, afirmam que, nas últimas cinco décadas, percebe-se no mundo a ascensão e solidificação de tendências aparentemente antagônicas no que diz respeito à questão da sexualidade. Se por um lado houve avanços dos pontos de vista jurídico e político, com a abertura a questões como a adoção de crianças por casais homossexuais, a união civil, entre outros, percebe-se também uma ascensão do conservadorismo propiciada pelas igrejas e cultos religiosos, com raras exceções.

Para os pesquisadores, as instituições religiosas que têm contribuído para este panorama apresentam alta capilaridade entre os adolescentes, uma vez que se utilizam de estratégias de media, como redes sociais, para promover o ativismo religioso e a propagação de ideias conservadoras acerca de temas como a homossexualidade (Machado *et al*, 2011).

De acordo com Jurkewicz (2005, citado por Machado *et al*, 2011), é possível perceber três correntes de pensamento acerca da sexualidade entre os grupos religiosos cristãos. No primeiro deles, há uma aversão total e completa em relação à homossexualidade. Neste grupo os indivíduos homossexuais são considerados como antinaturais e há uma tendência à tentativa de “cura” dos sujeitos identificados em tal condição, sendo eles denominados pecadores. A segunda corrente de pensamento cristão sobre o tema, encontra na homossexualidade um modo de viver inferior ou pior que a heterossexualidade. A última das visões cristã acerca do tema propõe que é um modo de viver tão digno quanto aos que vivem em relações heterossexuais.

Analisando as falas dos estudantes multiplicadores à luz da perspectiva apresentada por Jurkewicz, é possível apreender que a maioria deles está inserido em vivências religiosas que se encaixam no primeiro tipo de igreja cristã: a que não reconhece a homossexualidade como comportamento possível. Neste contexto, é corriqueiro perceber a homossexualidade como possessão demoníaca ou algum outro problema espiritual (Jurkewicz, 2005, citado por Machado *et al*, 2011). É legítimo portanto questionar como se situam os jovens multiplicadores perante outros jovens, potencialmente diversos de si, nomeadamente quanto à orientação sexual, se à partida já colocam rígidos limites morais a determinados domínios da sexualidade ou saúde reprodutiva, quando esta, claramente, promove a tolerância e o respeito como pilar.

Ainda no contexto dos conceitos e preconceitos relativos à sexualidade, os estudantes foram questionados acerca de suas concepções sobre aborto. Neste quesito os multiplicadores voltaram

a apresentar ideias associadas à religião sendo que, em sua maioria, colocaram-se contra esta estratégia, como pode ser observado nas falas a seguir:

“O aborto é uma violação contra a vida. Mesmo sendo o bebê um feto que já esteja morto. Mesmo o feto sendo sem cérebro, com doença. A minha religião abomina.” M1

“(...) E o aborto eu sou totalmente contra.” M2

“(...) E a questão de aborto, não. É errado o aborto, se engravidou vai ter que arcar com isso, vai ter o filho e tal. Agora abortar? É totalmente errado.” M3

“(...) A gente é baseado na bíblia e a bíblia, assim... condena o aborto. E assim... Um aborto porque a criança não tem culpa se a mãe engravidou. Ela não tem culpa daquilo, ela tem que vir ao mundo. A não ser em caso de estupro, né?” M4

Percebe-se, mais uma vez, o enraizamento da visão religiosa sobre questões de sexualidade e saúde reprodutiva. Na visão de Calligaris (2008, p. 12), existem poucas chances de desenvolver um bom trabalho caso o profissional seja influenciado por crenças e convicções pessoais, principalmente aquelas que ocasionam “aprovação ou desaprovação morais preconcebidas das condutas humanas”, o que abre espaço a um trabalho prévio do promotor do projeto, possivelmente um Educador Social, para o desenvolvimento de intervenções de sensibilização e desenvolvimento de competências interculturais (de respeito e diálogo com um outro, diferente de si), especialmente se o objetivo é capacitar os jovens para influenciar os seus pares.

Sobre este tema, Diniz e Correa (2009), em publicação do Ministério da Saúde, apontam que a interrupção intencional da gestação ainda permanece sob os holofotes no que se refere ao debate público, sendo alvo de inúmeras pesquisas no Brasil nas últimas duas décadas (Brasil, 2009, p.13) Embora as adolescentes não representem o grupo majoritário de tal prática, percebeu-se um crescimento na quantidade de estudos sobre aborto e adolescência nos anos 2000, isso em função da carência de investigações dentro deste grupo etário à época (Brasil, 2009)

Ainda sobre abortos na adolescência, as pesquisas compiladas na publicação apontam que, embora ocorram em todas as idades da qual se compõem a adolescência, é entre os 17 a 19 anos que ocorre o maior número de interrupções de gestação (Brasil, 2009). Neste contexto, pesquisa realizada em Maceió em 2006 e que teve como objetivo reconhecer os conhecimentos das adolescentes que realizaram aborto provocado aponta que, embora estivessem matriculadas regularmente em instituições escolares, 65% das adolescentes que realizaram aborto e participaram da pesquisa, alegaram desconhecimento das sequelas ou complicações do aborto, o que comprova a ignorância das jovens sobre o ato e suas consequências. Além disto, os dados levantados pelos pesquisadores mostram que as adolescentes que optaram pela interrupção da gravidez tinham pouco conhecimento sobre o meio correto de utilização dos métodos contraceptivos, o que, em alguns casos, acarretou na não eficácia da estratégia utilizada (Heilborn, Aquino & Knauth, 2006).

Braga, Rios e Vale (2008), num exercício de revisão sobre abortos no Brasil, indicam que uma gravidez na adolescência pode significar abrir mão de liberdades e do pertencimento a grupos nos quais estes estão inseridos. Esta alteração conjuntural num momento delicado do desenvolvimento humano pode significar modificar completamente a sua vida, desde os aspectos emocionais e físicos, alheios à sua vontade, influenciando, por conseguinte, sua postura e comportamento diante da sociedade. Sendo assim, na visão do adolescente, o aborto provocado parece ser a única alternativa possível.

Levando em consideração o que expuseram os estudantes sobre os temas controversos envolvendo a sexualidade, buscou-se identificar qual o percurso trilhado pelos mesmos na construção destas ideias. Para tanto, tentou-se identificar quais as fontes de informação foram utilizadas por eles na formação de pensamento acerca do tema. Sendo assim, os adolescentes multiplicadores foram questionados sobre quais meios de informação e comunicação eram utilizadas por eles para a investigação sobre sexualidade. Neste ponto, percebe-se a importância da internet e da escola na formação dos adolescentes em orientação sexual:

“Ah... Hoje eu tenho acesso a várias coisas: internet, livros didáticos explicando sobre isso. No nosso caso ainda há o nosso projeto e a orientação. Relatos de amigos que já tiveram filhos explicando como era tudo. Tenho várias fontes.” M1

“Acho que a internet abre uma porta para qualquer jovem que queira saber, então eu pesquiso na internet, notícias, artigos...” M2

“Acho que pela internet e agora pela escola, né”? M3

“Na escola com minha orientadora e pela internet também”. M4

Sobre a utilização da internet como fonte de conhecimento entre adolescentes, pesquisa da (UNICEF) realizada no ano de 2013 revela que o uso da internet por adolescentes vem crescendo rapidamente. Neste período havia aproximadamente 10 milhões de adolescentes fazendo uso diário da rede e cerca de 5 milhões que usam este media pelo menos uma vez por semana.

Embora, no Brasil, seja alto o número de jovens que usam a internet, aproximadamente 6 milhões de adolescentes não têm acesso à navegação por este meio, sendo que, entre estes, estão principalmente os mais pobres, menos escolarizados ou os que habitam as zonas rurais do país. Incluem-se ainda neste grupo boa parte dos adolescentes indígenas brasileiros (UNICEF, 2013).

Levando em consideração todas as possibilidades que se apresentam com o uso da internet, os blogs foram ao longo do tempo uma das principais ferramentas utilizadas para alcançar os jovens sobre os temas voltados a orientação sexual. Estes canais tinham como finalidade a divulgação e trocas de informações sobre sexualidade, configurando-se como um espaço de interação entre pares e de ajuda mútua. Estes espaços utilizam geralmente uma linguagem informal e eram enriquecidos com vídeos e imagens que os tornavam mais atrativos para o público adolescente (Valli, 2012).

Embora, quando do seu advento, se imaginasse a internet como espaço de democracia e de liberdade no que diz respeito às concepções acerca de sexo e da sexualidade, percebe-se, na verdade, uma polarização de seus conteúdos em torno de uma visão branca, heterossexual e machista. Em função disto e da liberdade e anonimato propiciados pela internet, percebe-se uma amplificação da visão dominante referida acima, ficando mais evidentes e aumentando em número e intensidade os comportamentos preconceituosos e pouco tolerantes (Warken, 2007), o que torna a internet um meio de informação com assinaláveis riscos, ao tornar acessível de forma idêntica informação legítima e válida e outra sem estes importantes atributos, cruciais na formação das representações dos adolescentes acerca da sexualidade.

A percepção obtida por Marola *et al* (2011) a partir de sua pesquisa sobre a efetividade do uso da internet na orientação sexual de adolescentes aponta que, embora muito utilizada como meio de obtenção de informação, a internet ainda carece de conteúdo e ações sistemáticas, organizadas e com foco no adolescente.

Em relação à comparação entre gêneros e acesso à informação sobre sexualidade na internet, Moura, Gomes, Oliveira Sousa e Maranhão (2014) apontam que as adolescentes apresentaram maior incidência na utilização deste tipo de meio com finalidade de aquisição de conhecimentos e ampliação de crenças e valores.

Além da internet, a escola foi apontada pelo grupo de multiplicadores como outra fonte importante de acesso à conteúdos, conceitos e informações sobre o tema em tela. É possível perceber esta tendência quando analisamos as falas acima apresentadas, citando “a escola” para além do projeto”, e da “orientadora”, todos estes entes relacionados de alguma forma com espaços de educação formal frequentados pelos estudantes pesquisados.

Segundo Gavidia (2009), a educação para os temas relativos à saúde tem ambiente profícuo no espaço escolar, uma vez que, neste período, é mais fácil ao indivíduo acolher e adaptar-se a novos modelos de vida. Além disto, a maioria das pessoas passa um longo período da vida na escola e a sociedade confia aos profissionais inseridos nos processos escolares a tarefa de transmitir os valores culturais e conhecimentos que regem as sociedades. Para Gavidia (2009), a escola é ainda

um espaço privilegiado onde se apresentam e se confrontam diferentes visões de mundo, o que contribuiria para uma formação mais crítica e ampliada das questões de saúde.

É sabido que os adolescentes e jovens estão em constante troca de diálogo e sobre os mais diversos conteúdos, seja pessoalmente ou por outros meios de comunicação e redes sociais, bem como nos mais variados ambientes, casa, escola, igrejas, etc. Porém, a sua participação em atividades formais é insuficiente, pois “em que se pensam e debatem assuntos que exigem um conhecimento prévio, como as realizadas nas escolas e nas unidades de saúde, geralmente conduzidas por especialistas, como professores e médicos” (Penido, Kaloustian & Bueno, [s.d], p. 4).

Embora ainda sejam tímidas as iniciativas de estímulo à educação entre pares, depreende-se, das falas dos estudantes multiplicadores, que o diálogo horizontal proporcionado pela EP pode ser considerada um modelo de trabalho eficaz para atingir os adolescente quando o assunto é sexualidade, sexo e saúde reprodutiva. Esta característica decorre do facto de que os estudantes adolescentes escutam e valorizam as falas uns dos outros, são mais abertos e propensos a escutá-las e, em última medida, são mais livres e menos tímidos na busca de informação uns com os outros.

3.2 Os multiplicadores pelos seus pares

No intuito de ponderar a opinião dos estudantes-participantes sobre a multiplicação, solicitamos no último encontro que os que se encontravam presentes fizessem uma breve avaliação sobre a experiência com as oficinas, em seu aspecto geral, bem como a participação dos colegas enquanto agente multiplicador. Foram informados que não seria obrigatório, como dito e praticado durante todas as oficinas, mas que essa avaliação seria de suma importância obter um feedback das atividades lideradas pelos próprios colegas. Nem todos se dispuseram a permanecer mais alguns minutos para avaliação, desta forma, os resultados seguintes, expressos em forma de fala, são oriundos das respostas de sete estudantes-participantes dos 36 estudantes-alvo (EA) da multiplicação.

A respeito dos espaços, do tempo e dos formatos das oficinas, foi universal a opinião dos estudantes de que as oficinas tiveram o tempo adequado para atingir cada metodologia proposta (filme, seminário, roda de conversa, palestra). Acrescentaram ainda que as oficinas deveriam continuar, bem como abarcar outros temas considerados “polémicos ou sensíveis”, citando como exemplo as drogas e o bullying. Procurando conhecer se no ambiente das oficinas foi proporcionado momentos para que os estudantes se sentissem à vontade para compartilhar experiências, perguntamos se os multiplicadores transmitiram segurança e confiança ao falar sobre os temas. Estudando as respostas, observou-se que, apesar de a maioria acreditar que os multiplicadores conseguiram desenvolver estes sentimentos, alguns estudantes ainda não se sentem confiantes em falar sobre o assunto, o que requer repensar sobre a dinâmica das atividades de modo a alcançar o objetivo de colocar os jovens a obter conhecimento sobre suas dúvidas e anseios.

Uma questão importante foi apreciar o que os participantes consideraram mais relevante no trabalho do estudante-multiplicador. Foi dado como resposta mais frequente as próprias oficinas, que julgaram ser descontraídas, e os debates sobre preconceitos aflorados nas oficinas.

“é muito importante falar o tempo todo sobre preconceito. Por que na escola a gente ‘tá aprendendo um monte de coisa e existem vários tipos de preconceito e todo mundo tem algum tipo de preconceito, mas ninguém tem coragem de falar, de admitir.” EA3

Entretanto, apontaram que, como ponto negativo, alguns multiplicadores não levaram muito a sério alguns temas, com a justificação de desconsiderar o pedido do grupo para falar mais um determinado assunto. Acreditavam que assuntos como identidade de género, por exemplo, tinha que ser mais explorado.

Este facto suscitado pelos estudantes-participantes ressalta uma característica essencial do multiplicador “considerar o que os jovens do grupo têm a falar sobre o assunto em debate e valorizar as contribuições oferecidas” (Penido, Kaloustian, Silva & Bueno ([s.d.]). Essa

característica, assim como outras que possam contribuir no trabalho do multiplicador, podem ser adquiridas e/ou aprimoradas com o tempo. Neste caso em particular viu-se, quando se explorou o perfil dos estudantes multiplicadores, que estes tinham crenças bastante rígidas (com raiz religiosa) acerca de alguns assuntos mais polémicos, o que poderá, também, justificar o seu menor interesse em ver estes assuntos debatidos.

Ademais, esta questão reforça a afirmação de Araújo e Calazans (2007, p. 65) que defende “a necessidade de promover a formação continuada dos multiplicadores e a constante reflexão sobre o papel que exercem”, atuando, em primeiro lugar, sobre seus próprios preconceitos.

Acompanhar o projeto e o trabalho dos multiplicadores por meio de reuniões periódicas faz parte de umas das etapas que compõem um projeto com adolescentes multiplicadores, conforme já citado (Araújo e Calazans, 2007). No caso dos nossos multiplicadores, o facto questionado foi identificado pelo próprio grupo em uma dessas reuniões e no momento discutido formas de evitar silenciar o grupo, uma vez que estavam ali para compartilhar saberes e experiências, bem como maneiras de construir uma relação de confiança em que todos se sentissem à vontade de se colocar.

A questão seguinte requereu dos estudantes-participantes uma postura ativa, no sentido de detectar se assimilaram as informações e se atribuíram a essas informações valores pessoais. Ao serem questionados sobre quais os ganhos pessoais que as oficinas os proporcionaram, responderam que começaram a pensar e a falar mais sobre sexo e sexualidade e outras questões inerentes à fase em que se encontram. Perceberam que todos têm dúvidas, mas que às vezes têm receio de perguntar e/ou outras vezes faltam oportunidades, o que emerge como um aspecto muito positivo deste modelo de intervenção

Por fim, alguns participantes, ao serem inquiridos se se identificavam com a função de multiplicador, grande parte respondeu que não, pois acreditavam ser muita responsabilidade e não estarem preparados. Outros responderam que sim. Pois acreditavam ter o perfil de educador e conseqüentemente a função de multiplicador.

“eu não nunca tinha pensado antes sobre ser multiplicadora, na verdade nem sabia o que era. Agora eu sei. Acho que eu seria uma boa multiplicadora porque eu me preocupo com o que acontece com nós adolescentes. Nem todo mundo quer saber o que a gente pensa a não ser a gente mesmo.” EA1

“eu não tenho jeito para isso não. O multiplicador tem o mesmo papel do professor. Tem que dá aula. É como se fosse aula. Tem que estudar. Saber o que tá falando porque se não vai ensinar tudo errado.” EA2

3.3 Os multiplicadores pelos multiplicadores

Sendo requerido aos multiplicadores na entrevista contar como foi a experiência de dialogar e compartilhar saberes e vivências com os pares, a maioria dos multiplicadores relataram como uma experiência prazerosa, apesar do nervosismo no início, mas que depois ficaram bem à vontade, o que ficou evidente que a EP os jovens sentem mais liberdade de falar, de compartilhar, ressaltado pela fala do M3.

“Senti, porque estava falando com adolescente”. M3

Com relação à contribuição na formação de outros adolescentes, os multiplicadores foram unânimes em afirmar mais uma vez que, por se tratar de pessoas da mesma idade, a comunicação é facilitada e, por esse motivo, acreditam contribuir de forma efetiva na formação dos pares.

“Sim. Normalmente os adolescentes têm vergonha de falar isso com adultos, então eles falam com os amigos que são adolescentes”. M2

“Sim, eu acho que sim. Porque um adolescente, ele vai conversar aquilo... assim... ele vai ter mais liberdade de conversar um assunto com uma pessoa da mesma idade. Que é aquilo que ambos vão passar juntos, ou já passou. Assim, os adolescentes, falam a mesma língua.” M4

Para Bearman & Bruckner (1999, citado por Rosa 2010, p. 11) os jovens são passíveis de influência, o qual os autores chamam de “oportunidades de estruturação”. Esse evento acontece porque o grupo de pares estabelecem normas próprias no qual define e reforça comportamentos sociais, ou seja, “aprende-se uns com os outros”.

Indagados sobre o tema trabalhado, sexo e sexualidade, além de reafirmarem que a facilidade de comunicação com os pares se dar por “falarem a mesma língua”, acreditam também que certos assuntos são ditos em roda de conversa com os amigos mais naturalmente do que com os adultos.

“Sim. Eu acho que tanto na roda de conversa entre amigos você fala aquilo que você nem ia falar prá um adulto. Você se sente à vontade, com muita liberdade de tratar de alguns assuntos. E acho que entre adolescentes fica mais fácil de ocorrer esse tipo de conversa. A conversa fica mais livre, mais solta”.

O tema sexualidade sempre esteve muito presente nos espaços escolares, não somente na presença deste tema no currículo escolar, mas também permeando rodas de conversas, relações interpessoais, bem como expressões culturais nos quais estudantes e professores estão inseridos no espaço escolar (Altmann, 2000). É muito comum, inclusive, que os estudantes repitam canções, entre outras expressões artísticas repletas de conteúdos relativos à sexualidade.

Com relação às vantagens e desvantagens do diálogo sobre sexualidade de adolescentes para adolescentes e às vantagens e desvantagens do adulto para adolescentes, destacamos algumas falas:

“Acho que o adulto às vezes sabe mais que o adolescente... a passar. Só que as vezes não sabe como passar isso, então, de adolescente prá adolescente é bem mais fácil por causa da linguagem”. M1

“Adulto e adolescente, não tem aquela liberdade prá tratar do assunto. A vantagem de falar com o adulto é que ele tem mais experiência que um adolescente, então ele sabe mais do assunto, ele vai transmitir aquilo que o adolescente ainda não passou.” M2

“Bom. As vantagens é o conhecimento que a pessoa vai transmitir pro outro e essa é uma das vantagens né. E a desvantagem é também tem aquele negócio né de chacota também, um com a cara do outro.” M4

Para Araújo e Calazans (2007), a educação por pares é uma estratégia na qual pessoas de determinado segmento se responsabilizam por discutir com outras pessoas do mesmo segmento questões relevante para o grupo. No caso em análise, esses multiplicadores são jovens que compartilham de problemas semelhantes, típicos da adolescência, têm a sensibilidade e a percepção de como conduzir atividades com seus pares de forma eficaz, permitindo a aprendizagem mútua.

Foram identificados durante as entrevistas com os multiplicadores os pontos positivos e negativos observados durante as oficinas, destacando-se a receptividade e a facilidade de diálogo:

“Eu vi que eles estavam curiosos, então um facto positivo é que eles estavam entendendo, tanto que surgiram as dúvidas. Que a gente vê que se eles estão perguntando é porque eles estão entendendo e estão curiosos. Na parte negativa, eu sugiro, assim, os comentários deles, brincadeiras, fora de hora”. M1

“Positiva foi mais a parte de passar filmes e discutir e saber a opinião de cada um. Mas não houve nada negativo”. M3

“(...) o olhar das pessoas quando a gente falava desse assunto foi muito diferente. As pessoas ficavam assim com um olhar aberto... olhando prá gente assim. “nossa ‘tá falando disso?” Por que, assim, as pessoas por não tratar desse assunto, mesmo que seja naquele grupo que brinca e tudo, na hora que você vai explicar eles querem prestar atenção, porque não é todo dia que eles vão escutar isso”. M4

Questionamos ainda aos estudantes multiplicadores sobre o que os colegas que participaram da oficina acharam das atividades. Estes expuseram que perceberam que a maioria se mostrou

interessada e participativa, tanto que após as oficinas os multiplicadores foram cercados algumas vezes nos corredores da escola para responder perguntas sobre os temas desenvolvidos nas oficinas e também para relatarem a experiência de falar sobre o trabalho que os mesmos estavam desenvolvendo como multiplicadores, o que por si só traduz a continuidade do efeito de multiplicação, desta feita em tempos e espaços informais. Disseram ainda que perceberam algumas “brincadeirinhas”, mas que acreditavam fazer parte do processo de amadurecimento de alguns deles, pois se tratava de um tema que despertava curiosidade e constrangimento ao mesmo tempo.

“surgiram algumas brincadeirinhas, aí, o (nome do estudante) já ficou vermelho e tudo, constrangido na hora, mas ele respondeu com firmeza e com clareza. Ele tava realmente entendendo qual era o objetivo que a gente queria passar”. M1

“Eu acho que eles gostaram porque muitos vieram de uma escola que nem a minha. Não tinha essa parte de sexualidade e orientação. Então eles começaram a gostar. Até depois que a gente passou o filme muitas pessoas vieram perguntar qual era o nome prá terminar de assistir porque não deu tempo ou porque saiu mais cedo. Teve gente que queria assistir de novo porque gostou. Então assim essa parte eu acho que eles gostaram porque eles tinham essa falta desse conhecimento. Agora eles estão tendo a oportunidade de ter o conhecimento e eles estão buscando mais, querendo mais”. M3

“Eu acho que eles gostaram. Tanto que eu tava conversando até com eles lá sobre o assunto. Querem participar do projeto e tudo”. M4

De acordo com a UNESCO (2003), um educador de pares é “alguém que pertence a esse grupo como igual aos outros integrantes, mas que recebe treinamento especial e informações para que esta pessoa possa provocar ou sustentar a mudança de comportamento entre os membros do grupo” (p.02).

Contudo, é bom ressaltar que, “mais do que passar informações e desenvolver atividades criativas, o (a) educador (a) entre pares é responsável por ajudar o grupo a desconstruir ideias preconceituosas e atitudes discriminatórias associadas às diversidades sexuais, aos gêneros, à cor da pele, raça, etnia ou cultura, à vida com HIV/AIDS, às pessoas com deficiência, entre outros” (Ministério da Saúde, 2011, p. 17). Neste domínio, reconhecemos que para que esta finalidade seja cumprida é importante desenvolver estas ações numa outra temporalidade, mais longa e regular, de forma a poder de forma reiterada trabalhar todas estas diversidades e habilitar multiplicadores e jovens participantes à reflexão e desconstrução dos seus preconceitos.

4 CONCLUSÃO

Ser adolescente implica experienciar rápidas mudanças sexuais, físicas e emocionais sobre as quais o jovem, muitas vezes, não têm controle. Acrescenta-se ainda o facto de ser uma fase em que os relacionamentos com pessoas da família e com os amigos tornam-se muito importantes. Sobretudo os vínculos de amizade que surgem nesse período, e que apesar da intensidade, tendem a ir se alterando conforme os indivíduos vão se descobrindo e descobrindo o mundo.

Com relação à sexualidade, é também neste período tão particular da vida em que são realizadas as primeiras escolhas e opções envolvendo vida sexual e, naturalmente, é bastante comum surgir dúvidas e curiosidades sobre o universo que rodeia a sexualidade humana. Nesse sentido, a família, a escola, os amigos, os meios de comunicação e a sociedade são fontes de aprendizagem sobre comportamentos e atitudes mais ou menos adequados.

No entanto, as influências destas interações, assim como as normas sociais, têm efeito sobre as decisões e comportamento sexual dos jovens necessitando que os adolescentes adquiram habilidades para aprender a avaliar, aceitar ou rejeitar a influência, sob o risco de repercutir diretamente em seus comportamentos e condutas que podem deixá-los vulneráveis.

Uma ponderação sobre o que seria uma atitude sexual acertada, dando importância à autonomia do adolescente e valorizando o protagonismo juvenil, esporadicamente está presente nos espaços os quais os jovens transitam. E quando ocorre, surgem muitas barreiras e conflitos.

No presente artigo procurou-se destacar a proposta metodológica que mobilizou os próprios adolescentes como agentes educativos, através da sua atuação enquanto multiplicadores.

Neste propósito, foi possível detectar que a relação mútua entre multiplicadores e público alvo e as percepções destes sobre aqueles e vice-versa ocasionou uma boa fluência no diálogo entre os grupos. O público alvo mostrou-se receptivo, apoiando-se uns aos outros e recebendo as atividades propostas pelos multiplicadores de maneira colaborativa. A linguagem era próxima e não houve dificuldades de entendimento por nenhuma das partes.

Apesar de que pesquisas indiquem que as crenças religiosas podem contribuir para um incremento no nível de responsabilidade do adolescente, culminando, por exemplo, numa menor taxa de gravidez precoce entre adolescentes com esta características, percebeu-se neste estudo uma limitação relativa à religião: todos os estudantes multiplicadores professavam a mesma fé religiosa. Este facto pode ser considerado uma limitação na medida em que não retrata a amplitude de visões sobre sexo e sexualidade que existem no mundo, bem como traz à discussão desenvolvida traços de conservadorismo que pude observar ao longo das atividades.

Embora tenham sido muitos os esforços para diminuir as situações de preconceito por parte dos multiplicadores, ainda foi possível encontrar alguns momentos onde o mesmo pôde ser percebido. Como exemplo cita-se o facto de uma estudante do público alvo questionar a fala da multiplicadora, que para a ouvinte, soou como sendo reflexo da religião da multiplicadora.

Neste sentido, formar os jovens multiplicadores configura-se como condição essencial para que as discussões que ocorram entre pares adolescentes sejam alicerçadas em conhecimentos fundamentados, que contemplem a pluralidade de concepções acerca do tema e as diversas visões de mundo possíveis. Como resultado deste processo, espera-se que a formação através dos pares possa contribuir efetivamente para a manutenção do bem estar dos jovens em formação.

Como potencialidade, percebe-se que a metodologia de Educação entre Pares desencadeou os vínculos que haviam entre a manifestação dos estudantes em relação à sexualidade e o constrangimento, onde o medo de tratar esse tema foi gradualmente rompido, e os tabus foram certamente abandonados, dentro e fora das atividades programadas.

Ademais, conclui-se que o desenvolvimento de ações no qual favoreça a participação ativa de adolescentes tende colher resultados positivos o que poderá elevar as chances desse público com características tão peculiares e complexas buscarem, conforme Rabêllo (2004), “assegurar os seus direitos, para a resolução de problemas da sua comunidade, da sua escola e outros espaços”.

5 REFERÊNCIAS

- Altmann, H. (2000). *Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais*. Red Revista Estudos Feministas.
- Araujo, T. W., & Calazans, G. (2007). Prevenção das DST/Aids em adolescentes e jovens: brochuras de referência para os profissionais de saúde. In *Prevenção às DST/Aids*. Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo. Acesso em: 7 Fevereiro de 2011. Disponível em: http://www.crt.saude.sp.gov.br/instituicao_gprevencao_brochuras.htm.
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo*. (4ª ed.) Lisboa: Edições, 70.
- Braga, A. S.; Rios, L. A. O.; Valle, N. S. B (2008). Aborto: Uma consequência da gravidez na adolescência. *Rev. Edu. Meio Amb. e Saúde*; 3(1): p.76-88. Disponível em: [http://www.faculdadefuturo.edu.br/revista/2008/pdfs/REMAS3\(1\)76a88.pdf](http://www.faculdadefuturo.edu.br/revista/2008/pdfs/REMAS3(1)76a88.pdf). Acesso em: 30/05/2016.
- Brasil. (2009). Ministério da Saúde. *Aborto e Saúde Pública 20 anos. 2009*. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. Brasília: Ministério da Saúde, 428 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde). _____ . Atenção Humanizada ao Abortamento: Norma Técnica.
- Calligaris, C. (2008). *Cartas a um jovem terapeuta*. Elsevier Brasil.

- Coutinho, R. Z., & Miranda-Ribeiro, P. (2014). Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 31(2), 333-365.
- Dal-Farra, R. A., & Lopes, P. T. C. (2014). Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. *Nuances: estudos sobre Educação*, 24(3), 67-80.
- Dias, S., Matos, M. G. de, & Gonçalves, A. (2007). Percepção dos adolescentes acerca da influência dos pais e pares nos seus comportamentos sexuais. *Análise Psicológica*, 625–634. Acesso em: 27 de maio de 2016. Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/119>.
- Engel, G.L. (2000). Pesquisa-ação. *Educar em Revista*. Curitiba, Vol. 16, p.181-191.
- Gavidia, V. (2009). El profesorado ante la educación y promoción de la salud em la escuela. *Didáctica de las Ciencias Experimentales y Sociales*. n. 23, p. 171-180.
- Gonçalves, H., Machado, E. C., Soares, A. L. G., Camargo-Figuera, F. A., Seerig, L. M., Mesenburg, M. A., ... & Hallal, P. C. (2015). Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 18(1), 25-41.
- Heilborn, M. L., Aquino, E. M. L., & Knauth, D. R. (2006). Juventude, sexualidade e reprodução. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(7), 1362-1363. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2006000700001>.
- IBGE. (2016). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE): 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em: 23/04/2016.
- Lopes de Oliveira, M. C. S. (2014). O adolescente em desenvolvimento e a contemporaneidade (37-44). In: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas / Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Ministério da Educação. – 6. ed., atual. – Brasília: Ministério da Justiça, 2014, 272 p. Disponível em:< http://abramd.org/wp-content/uploads/2014/05/Livro_texto_Curso_Prevencao2014.pdf>. Acesso em: 26 de março de 2016.
- Machado, M. D. D. C., Piccolo, F. D., Zucco, L. P., & Neto, J. P. S. (2011). Homossexualidade e igrejas cristãs no Rio de Janeiro. *REVER-Revista de Estudos da Religião-ISSN 1677-1222*, 11(1), 75-104.
- Marola, C. A. G., Sanches, C. S. M., & Cardoso, L. M. (2011). Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psicologia da educação*, (33), 95-118.
- Ministério da Saúde. (2011). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Anticoncepção de emergência: perguntas e respostas para profissionais de saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. 2. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 44 p. (Série F. Comunicação e Educação em Saúde). Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/anticoncepcao_emergencia_perguntas_respostas_2ed.pdf>. Acesso em: 25 de agosto 2015.
- Moizés, J. S., & Bueno, S. M. V. (2010). Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(1), 205-212. <https://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342010000100029>.
- Moura, L. N. B., Gomes, K. R. O., Oliveira Sousa, C. R., & Maranhão, T. A. (2014). Multiparidade entre adolescentes e jovens e fatores de risco em Teresina/Piauí. *Adolescência e Saúde*, 11(3), 51-62.
- Paiva, V. (2002). Sem mágicas soluções: a prevenção e o cuidado em HIV/AIDS e o processo de emancipação psicossocial. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 6(11), 25-38.
- Pappámikail, L. (2012). Juventude(s), autonomia e Sociologia: questionando conceitos a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. In *Família, Escola e Juventude: olhares cruzados Brasil / Portugal*, ed. Juarez Dayrell, José Resende, Maria Alice Nogueira e Maria Manuel Vieira, 372 - 393. Minas Gerais: UFMG.

- Penido, A., Kaloustian, S. Silva, & A. M., Bueno, D. (Org.). ([s.d.]). *De Jovem Para Jovem: Educação Entre Pares*. UNICEF. Rio de Janeiro. Disponível em (http://www.unicef.org/brazil/pt/br_educacao_pares_vira.pdf).
- Rabêllo, M. E. D. L. (2004). O que é protagonismo juvenil. Acesso em 05 de janeiro de 2017. Disponível em: http://www.violenciasexual.org.br/PDF/protagonismo_juvenil_eleonora_rabello.pdf> Acessado em, 13(09), 05.
- Ribeiro, M. (1999). A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 33(4), 358-363. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62341999000400006>.
- Rosa, R. D. F. C. (2010). Jovens multiplicadores de um programa de prevenção de DST/AIDS no Estado do Rio de Janeiro: uma análise de experiência de educação (Dissertação de mestrado, Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro).
- Santos, A. M. (2010). Perfil do Educador Social: experiências e reflexões. *Partes.V.00 p.eletrônica*. Acesso em 24/09/2016. Disponível em: <www.partes.com.br/educacao/perfileducadorsocial.asp>.
- UNESCO (2003). Peer approach in adolescent reproductive health education: some lessons learned. *Asia and Pacific Regional Bureau of Education*. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001305/120516e.pdf>. Acesso em: 20/05/2016.
- UNICEF (2013). O uso da internet por adolescentes. *Brasília, DF*. Disponível em:<https://www.unicef.org/brazil/pt/br_uso_internet_adolescentes.pdf> Acesso em: 27/10/2016.
- Valli, G. P. (2012). Tecnologias educacionais digitais: análise de blogs escolares sobre sexualidade. (Monografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/55292/000857066.pdf?sequence=1>>.
- Verona, A. P. A., & Dias Júnior, C. S. (2012). Religião e fecundidade entre adolescentes no Brasil.
- Vonk, A. C. R. P., Bonan, C., & Silva, K. S. D. (2013). Sexualidade, reprodução e saúde: experiências de adolescentes que vivem em município do interior de pequeno porte. *Ciência & Saúde Coletiva*, 18(6), 1795-1807. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013000600030>.
- Warken, R. L. (2007). Internet, Educação Sexual e Poder. *Revista Linhas*, 2(2).